

RESUMO

Este texto traz importantes reflexões sobre a representação do homem negro na sociedade brasileira. O texto sociologicamente nos fala de um questionamento da representação do negro, tomando como referência as ideias de Fraz Fanon que nos ensinou que o homem negro, no imaginário ocidental, não é um *homem*, antes ele é um *negro* e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o emasculava ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco. Este questionamento será feito passando pelos seguintes tópicos: A desqualificação da masculinidade negra, As preocupações com o homem negro no Brasil que se modernizava, a masculinidade branca como a masculinidade ideal e as representações da masculinidade negra como a fracassada. Essa Temática é tabu e o povo precisa tirar o véu que encobre as relações raciais no Brasil, principalmente no cotidiano para romper com o discursos opressores sobre o homem negro.

Palavras-chaves: Masculinidade do homem negro - Relações raciais.

What about black woman? Aren't they victims, too? Of course, many black women are poor, raped, battered, abused, called "bitches" and "hos", and stuck with bills and babies. Some black men do these things to black women. But America has not made the black women its universal bogeyman. The black man is.

Earl Ofari Hutchinson (1997:16)²

OS MOVIMENTOS SOCIAIS E OS QUESTIONAMENTOS SOBRE A MASCULINIDADE

Os Movimentos Feministas, Gay e Negro nos anos '60 e '70 começaram a questionar e problematizar a hegemonia masculina branca heterossexual nas suas discussões sobre sexo, gênero e *raça*. Ao procurarem definir, nos âmbitos público e privado, seu espaço na política,

¹ Antropólogo, doutorando em Antropologia pelo PPGA/UFF. Pesquisa gênero masculino desde 1998.

² E as mulheres negras? Elas não são vítimas também? Claro, muitas mulheres Negras são pobres, estupradas, agredidas, abusadas e chamadas de piranha e puta, cuidado a casa e filhos alguns homens negros fazem estas coisas com as mulheres negras. Mas a América não fez das mulheres negras seu principal Bicho Papão. Aos homens negros sim. Tradução livre.

na economia e nas questões relativas à sexualidade, negros, mulheres e homossexuais organizaram-se para contestar a discriminação que sofriam propondo outras mentalidades, outros comportamentos e outras palavras para as relações sociais, questionando a masculinidade hegemônica: branca e heterossexual. Estes grupos foram responsáveis por mudanças epistemológicas que fizeram com que não reconhecer a variável gênero na análise social fosse tão grave quanto menosprezar classe social e fizeram que pela primeira vez no Ocidente com que os homens se descobrissem também possuidores de um gênero, ou seja, eles também são portadores de um gênero socialmente construído, como já era sabido há algum tempo sobre mulheres e homossexuais. Neste contexto surgem as primeiras indagações sobre a masculinidade, ou masculinidades como preferem alguns autores/as. Nos anos '70 surgem os primeiros estudos sobre o tema; nos anos '80 os estudos sobre masculinidade ganha *status* de campo teórico nos países anglo-saxônicos, somente nos anos '90 são publicados os primeiros textos sobre masculinidade escrito por autores brasileiros/as. Hoje há um número crescente de trabalhos que tratam do tema masculinidade, mas a maior deste parte é produzido na Psicologia e em Saúde Coletiva, porém, se comparados ao que há produzido sobre gênero feminino ainda é bastante modesto. Estes estudos mostram que a masculinidade é uma experiência coletiva onde um homem busca inserções através de práticas com as quais irá garantir para si visibilidade e *status* social, assim, para se compreender a masculinidade devemos analisá-las como um processo social construído por homens e mulheres que, embora com papéis diferentes, são igualmente importantes.

Há pouco tempo os homens passaram a ser objeto de pesquisa antropológica como portadores de um gênero específico, os novos trabalhos sobre homens, como sujeitos com gênero socialmente construído, constituem o que Gutmann (1998) chama de Antropologia da Masculinidade, estes estudos têm como preocupação como os homens desempenham sua

masculinidade em contextos culturais diferentes. Os trabalhos hoje considerados clássicos foram produzidos na maior parte em sociedades latinas, tanto na Europa quanto nas Américas por antropólogos/as de sociedades anglo-saxônicas. Estes trabalhos procuraram estudar as formas de sociabilidades masculinas em espaços públicos tais como bares, cafés, praças públicas e esquinas, neles categorias como honra, machismo e violência foram as principais categorias analíticas,. entretanto, autores de origem hispânica como González (1996), Mirandé (1997) e Ramírez (1999) e propõem uma revisão crítica destes trabalhos, pois, segundo estes autores, os antropólogos/as *gringos* analisaram estas sociedades com conceitos que não dariam conta da realidade observada, pois estes conceitos estariam impregnados de etnocentrismo, além disso, estes pesquisadores/as em geral não dominavam a língua nativa, assim, não teriam condições de compreender algumas sutilezas que algumas categorias têm nestas culturas, gerando interpretações equivocadas. Matthews Gutmman critica alguns destes trabalhos dizendo que ao se ignorar caprichosamente as diferenças significativas de classe, geração, região, grupo étnico entre outros, tais generalizações inventarem e perpetuaram tipos ideais e estereótipos racistas (Gutmman, 1997:105).

A extensa bibliografia sobre mulheres, *gays* e minorias étnicas aponta o homem heterossexual como o seu principal adversário e alvo de suas reivindicações (Nolascos, 2001), entretanto, estes trabalhos não consideram as diferenças que existem entres os próprios homens, afinal os homens não possuem ou compartilham uniformemente do poder, há hierarquias entre os homens de acordo com sua classe, origem regional, grupo étnico, religião e, obviamente, orientação sexual. Os homens não são um monobloco.

A DESQUALIFICAÇÃO DA MASCULINIDADE NEGRA

Embora no Brasil haja pouquíssimos trabalhos tratando especificamente da masculinidade negra, esta masculinidade sempre foi motivo de preocupações por parte de intelectuais das mais diversas áreas do pensamento social brasileiro desde pelo menos o final do século XIX. Para estes pensadores os homens negros eram motivos de desconfiança e temor, e este temor foi constante no decorrer da História do Ocidente desde que os europeus fizeram os primeiros contatos com o continente africano; nesse processo tenso e por vezes doentio, o pênis negro tornou-se o ponto de referência das relações que seriam estabelecidas a partir daí entre homens negros e brancos (Friedman, 2001:98). O pênis negro foi medido, pesado e dissecado por cientistas ávidos, sendo guardado em recipiente com formol e exibido na Europa causando *frisson* em uma platéia que ao mesmo tempo se espantava e desejava o que via (Idem). A masculinidade negra representa uma ameaça ao homem branco, ela é *o profundo medo cultural do negro figurado no temor psíquico da sexualidade ocidental* (Bhabha, 2003:71). Além de ter seu pênis *racializado*, a inteligência dos homens negros foi avaliada pelos europeus na proporção inversa do tamanho de seu pênis.

O homem negro não é um homem. Como nos lembra Fanon (1983), no imaginário ocidental, um homem negro não é um *homem*, antes ele é um *negro* e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o emasculava ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco. Este imaginário é perceptível no modo como a masculinidade é representada na literatura, cinema, telenovelas, jornais, revistas e propagandas, inclusive nas oficiais. Nelas o temor psíquico do negro macrofálico é retratado através de estereótipos que foram forjados durante longos anos até tornaram-se verdade, neste sentido, o livro *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, um clássico da Literatura brasileira publicado em 1890, é paradigmático.

Neste livro encontramos algumas representações de homens e mulheres negros que se mantêm até hoje. A negra trabalhadora e explorada, o protótipo da *super mãe preta*³; a mulata assanhada; e o homem negro vadio e perigoso. Nele temos também um triângulo amoroso onde um homem negro e um branco entram em conflito pela disputa de uma mulher, nesta disputa o homem negro é morto e o homem branco fica com a mulher. Este triângulo é composto por Firmo

(...) um mulato pachola⁴, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio⁵ de marca, pernóstico, só de maçadas e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira, teria uns trinta e poucos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos. Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos. A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crespo, petulante⁶ (Idem, 2004: 66).

Firmo gostava também de jogatina, avesso ao trabalho, recebia dinheiro de mulheres e era violento. A outra ponta do triângulo é Jerônimo, o rival de Firmo,

um português de seus trinta e cinco, quarenta anos, algo espadaúdo, barbas ásperas, cabelos pretos e maltratados caindo-lhe sobre a testa, por debaixo de um chapéu de feltro ordinário; pescoço e cara de Hércules, na qual os olhos, todavia, humildes como os olhos de um boi de canga, exprimiam tranqüila bondade (Ibidem, 2004: 46).

Por fim, Rita Baiana, o objeto de desejo de ambos,

(...) respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano (Ibidem: 61).

No decorrer do livro Jerônimo mata seu rival em uma emboscada, abandona sua esposa e sua filha e vai morar com Rita.

Este é um mito faz parte do imaginário brasileiro, ele é um tema constantemente explorado por escritores brasileiros. Esta mitologia falomáquica é recorrente não só na

³ Aquela que mantém sua família apesar de seu companheiro, o homem negro.

⁴ Segundo Aurélio XX indivíduo pedante, cheio de si. Indivíduo de elegância duvidosa, pretensiosamente apurado no traje.

⁵ Impostor, trapaceiro (Idem).

⁶ É importante notar que barba era um sinal de respeito e senioridade.

Literatura, mas também na dramaturgia. As telenovelas *Senhora do Destino* de [Aguinaldo Silva](#) e *Da Cor do Pecado* de [João Emanuel Carneiro](#), ambas produzidas e exibidas em 2004 pela TV Globo, são exemplares.

Em *Senhora do Destino* temos novamente uma Rita (negra)⁷ descrita como “*Mulata e bonita, é muito maltratada pela vida e tem dois problemas: o marido, atualmente preso, que exige dela ‘qualquer sacrifício’ para tirá-lo da prisão e o alcoolismo*”⁸; Cigano (negro) é descrito como sendo um *marginal de péssimo caráter, (...) casado com Rita a quem tiraniza, exigindo sustento. Covarde e medroso, só cresce diante da família, que mantém aterrorizada*; e Constantino (branco), “*O último português a imigrar para o Brasil, [que] resolveu permanecer no país, trabalhar muito e só voltar para Portugal depois que ‘se desse bem’*”. Cigano, depois de uma série de maldades evidenciando o quanto era mau pai e marido, é morto, Rita se casa com Constantino que, desde o início se mostra um homem exemplar, assume a família de Rita valorizando-a.

Na novela *A Cor do Pecado*⁹ há mais uma vez um triângulo amoroso um pouco mais complexo, quase um quadrado, composto por Preta (negra), jovem mulher maranhense de bom caráter, bem humorada e romântica, criada pela mãe, dona Lita e **nunca conheceu o pai**¹⁰; seu namorado Dodô (negro) é vocalista de uma banda de *reggae* em São Luís, mulhengo, de caráter duvidoso, no decorrer da trama ele se transforma em um dos vilões; Felipe (negro), bom moço, advogado e trabalhador; e por fim, Paco (branco) é uma pessoa idealista capaz de abrir mão de sua fortuna para viver uma vida honesta e *politicamente correta*. A trama se inicia com Preta namorando Dodô, depois namora Paco e, quando este é dado como morto, inicia um romance com Felipe. Depois de idas e vindas, Paco volta à cena

⁷ Ver na última página as fotos dos atores que interpretaram seus papéis e a descrição completa conforme está no site oficial da Rede Globo de Televisão.

⁸ Todas as informações sobre estas novelas têm como fonte a página da Rede Globo.

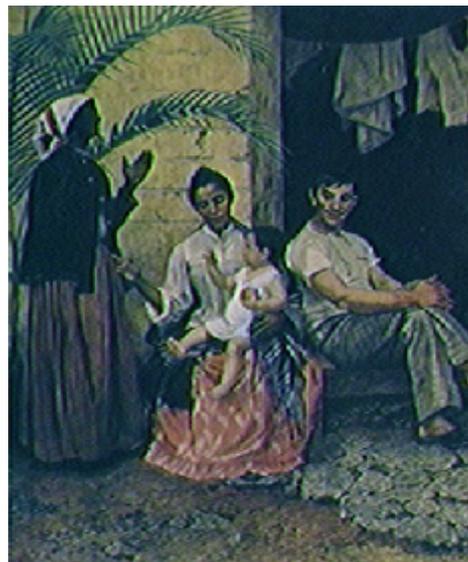
⁹ Idem.

¹⁰ Esses homens negros... Como veremos mais adiante, é outra representação comum dos homens negros.

e Felipe sai da disputa pelo amor de Preta, voltando a ser seu amigo, sendo assim, “poupado”. Dodô continua querendo Preta de volta, desafiando Paco, ficando entre o homem branco e seu objeto de desejo e acaba sendo morto deixando o caminho livre para ele tomar a mulher negra para si. Embora as tramas variem, os lugares sociais dos personagens são os mesmos.

AS PREOCUPAÇÕES COM O HOMEM NEGRO NO BRASIL QUE SE MODERNIZAVA

Nos debates sobre a construção do Brasil como nação moderna, a miscigenação foi vista como a solução para a superação do atraso que o sangue negro causou a nação. Houve por parte do Estado brasileiro uma política de Estado com intenção de branquear a população brasileira através da miscigenação de imigrantes europeus com as mulheres brasileiras. Assim,



(...) a mistura racial no país é orgulhosamente apresentada para o mundo, esta miscigenação, aceita de forma exaltada, foi construída sob uma exclusão ideológica: a do homem negro. A estratégia atrás da imagem (...) foi precisamente tornar inconcebível que o mulato brasileiro teria mãe branca e pai negro (Carvalho, 1996:4)¹¹.

O ideal da miscigenação do novo Estado brasileiro que excluiu o homem negro simbolicamente é muito bem representado no quadro *A Redenção de Cam*¹², pintado em 1895 por Modesto Brocos. Nele vemos uma senhora negra agradecendo a Deus pelo seu neto

¹¹ The racial mixture the country proudly presented to the world – i.e., the accepted and praised form miscegenation – was built under on ideological exclusion: that of black man. The strategy behind the images (...) was precisely to make it inconceivable that Brazilian mulato would have mother white and black father. Tradução livre.

¹² A maldição de Cam é uma tentativa de explicar a escravidão dos africanos e seus descendentes através de um interpretação racista da passagem bíblica onde Cam por ter visto seu pai Noé, foi amaldiçoado tornando-se escravo de seus irmãos ver Gênesis 9: 18-27. Esta historia é mito confundido com a historia da maldição de Caim que após matar seu irmão Abel, foi marcado para todos soubessem que ninguém poderia tocá-lo pelo crime cometido. Alguns teólogos racistas interpretaram esta marca como a cor da pele, embora não haja nenhuma menção de como seria ou onde estaria esta marca. Ver Gênesis 4. Ou seja, tanto a cor da pele quanto a condição de escravo seria uma maldição de Deus sobre os africanos e seus descendentes. o quadro citado e todos os que forem citados no decorrer estão no final do texto.

branco no colo de sua filha de pele mais clara que ela, fruto de uma primeira miscigenação. Os três são observados por um homem branco, fonte da redenção, sentado com um leve sorriso no rosto. O fruto desta união é um varão e tem a pele tão clara quanto o pai. Este seria o auge do sonho da política de miscigenação, como política de Estado: o homem branco como agente purificador da nova raça brasileira. Desta forma o homem negro foi estrategicamente posto de lado ao se pensar o Brasil como um cadinho onde a miscigenação teria dado certo. Neste mesmo período o homem negro torna-se motivo de preocupações e alvo das atenções de higienistas e chefes de polícia, o homem negro, parafraseando Pereira Passos, passa ser caso de polícia ou psiquiatria.

Além da *exclusão ideológica*, o homem negro é desqualificado continuamente. Ele continuamente emasculado. Gilberto Freyre, por exemplo, nos descreve com os mesmos atributos que as mulheres brancas, para o ilustre sociólogo os homens negros são plenamente homens, pois eles a “raça *lady-like*” (Bocayuva, 2001: 103). Estas representações da masculinidade negra criaram personagens muito populares no Brasil como o *Neguinho* que é um homem submisso, sem vontade própria, totalmente devoto aos desejos, inclusive, e mais importante, aos desejos sexuais, um tipo de escravo, dependente mental e psicologicamente das decisões dos brancos (Carvalho, 1996:5). Além da fala infantilizada e a predileção pela bebida alcoólica, sua relação com a mulher branca é totalmente assexuada, em geral, servindo também de moleque de recado. Na Literatura Monteiro Lobato criou o Tio Barnabé, mas na TV estas representações ganharam popularidade através de seus programas humorísticos que imortalizou alguns comediantes por encanarem tais personagens. Uma outra representação é a do *Negão*, ele é o oposto do *Neguinho* na sua preocupação com a virilidade, ele seria fisicamente forte e dotado com uma excepcional capacidade sexual. Ele é ameaça ao homem branco por seu apetite sexual insaciável e pela sua diabólica sensualidade, irresistível para a

mulher branca¹³, este mito do homem negro hipersexualizado é veiculado exaustivamente pela TV. Um bom exemplo é a propaganda de uma cachaça chamada *Sagatiba*, cujo mote é “*não tem explicação*”¹⁴. Nela vemos uma seqüência de quadros onde os dois penúltimos são referências a dois famosos monstros do cinema: King Kong e Godzilla. No último há uma mulher semi-nua em uma cama que, vendo um homem negro nu sorridente entrar no quarto, olha para sua da genitália, com um olhar misto de espanto e satisfação, chama membro do homem com nome do produto. O nome do membro do homem negro é trocado pelo nome da bebida, tal qual os nomes dos monstros que aparecem nas seqüências anteriores, a associação ente o negro macrofálico e os monstros é direta. Coincidência ou ato falho? O grande perigo deste mito é que mesmo ele sendo desumanizante, ele garante algum *status* perante as mulheres e, principalmente, perante outros homens, sendo talvez o único que esta pessoa acredita ter. Ela é uma gaiola dourada de onde seu prisioneiro tem dificuldades de sair, dificultando inclusive que esta pessoa cuide de sua saúde (Souza, 1998).



Temos ainda o fiel escudeiro de homens e mulheres brancos, ele é um híbrido destas duas representações, pois ele tem os atributos físicos do *Negão*, mas é submisso e assexuado como tio Barnabé. Embora pouco visível, esta representação é quase onipresente, pois ela está sempre trás de homens e mulheres brancos, protegendo-os até mesmo de outros negros,

¹³ Este temor foi uma das principais motivações para criação da Ku Klus Klan que fazia rondas noturnas à caça de homens negros que se aproximassem de mulheres brancas com ou sem seu consentimento (Friedman, 2001).

¹⁴ Para ver esta propaganda, digitar Sagatiba! no Youtube.ou clicar no link: <http://www.youtube.com/watch?v=bNqjLN-U95o>

aquele que faz o trabalho sujo, estando disposto inclusive a sacrificar sua própria vida pelos seus chefes e senhores. Gregório Fortunato foi descrito como sendo este personagem, reduzido a um fiel cão de guarda, em uma reportagem ele é descrito como *o sempre leal Gregório Fortunato atrás dele: chefe da guarda fazia a barba e o cabelo do presidente e o acompanhava até nos encontros amorosos*¹⁵. Uma foto mais conhecida de Gregório Fortunato é a que ele aparece penteando os cabelos de Getúlio Vargas, ele encarnou o estereótipo do leal escudeiro que seria capaz de sacrificar a própria vida. Entretanto, esta representação não ficou nos anos '50, hoje ainda vemos esta imagem fartamente veiculada. No suplemento sobre concurso *Fique Ligado* do Jornal *O Dia*, do dia 20 de dezembro de 2004 saiu uma reportagem sobre um concurso público para agente urbano, nela há uma ilustração onde apareciam dois agentes urbanos: um branco e magro com prancheta e caneta nas mãos; o outro é um negro forte com o dobro do homem branco posicionado às suas costas, com mais dois detalhes importantes: o primeiro é o negro está de cara feia assustando um terceiro homem que parece um camelô de chinelos de dedo que foge deixando cair alguns disquetes e outras bugigangas, o segundo detalhe é que o branco que observa tudo está rindo. Quando um homem negro não está submisso, colocando sua força a serviço do *status quo*, está fora de controle, tornando-se uma ameaça. Neste caso ele é satanizado e provavelmente será exterminado fisicamente.

¹⁵ Veja Online, nº. 1680, 20 de dezembro de 2000, http://veja.abril.com.br/201200/p_206.html, acesso no dia 25 de fevereiro de 2008. Ver no final do artigo algumas fotos de Gregório Fortunato.

Em uma reportagem publicada em 30 de outubro de Armadas ao Rio de Janeiro para intitulada *Entre o céu e o* paradigmática. Nesta ocupa a pagina inteiro com uma desenho tem cada uma de suas outra branca. A metade preta



também do jornal O Dia, 1994, sobre a vinda das Forças combater a criminalidade, *inferno* a ilustração é reportagem há um desenho que silhueta masculina, este metade de uma cor: uma preta a tem em uma das mãos um machado que se assemelha a um oxê (símbolo do orixá Xangô) e a metade branca tem na mão uma cruz. Esta ilustração é uma síntese¹⁶ da falomaquia, nela são colocas os homens negros e brancos em suas principais representações sociais: o homem negro como o perigo, representando por um homens porta um símbolo que para muitos é diabólico, e o homens branco como aquele que vai remedir a sociedade, afinal ele porta o símbolo do poder da redenção.

Em 1967, em sua obra clássica *Tally's corner. A study of Negro streetcorner men*, Elliot Liebow chamava a atenção de que quase tudo que se sabia sobre as famílias negras era a partir das mulheres e das crianças, os homens eram descritos como ausentes, mulher eram os pilares de sustentação destas famílias, estes homens são descritos também como uma figura fraca e inconstante nas vidas dos membros de suas famílias (Liebow, 2003:2-3). Liebow em seu livro chama a atenção para uma figura recorrente nestes trabalhos, o pai ausente. Ele sugere que os estudos sobre as famílias negras e pobres deveriam partir de outros pontos de vistas procurassem saber onde estes homens afinal estariam, pois o fato de eles não estarem em casa, em especial quando os pesquisadores/as estavam, não quer dizer que eles fossem

¹⁶ Sem falar no preconceito com as religiões umbanda e candomblé que cultuam esta divindade.

ausente. O pai ausente é um mito que já fazia parte das discussões da elite brasileira no início do século com suas preocupações sobre a família ideal para um Brasil que se modernizava. Para esta elite os pobres pela ausência da figura masculina forte seriam incapazes de formar famílias que dessem filhos úteis para serem incorporadas à nova ordem econômica que surgia (Caulfield, 2000), ou seja, os homens pobres e, no caso brasileiro primordialmente, os negros não são capazes de serem bons pais por seus vícios como vida sexual promiscua, alcoolismo e jogatina.

O mito do pai ausente e violento é incorporado acriticamente por alguns discursos acadêmicos, de ONG e pelo governos, tornando-se personagem presente em propagandas oficiais sobre família e alcoolismo conforme vemos em propagandas do Governo Federal nas campanhas do Ministério da Saúde¹⁷ sobre planejamento familiar e as consequências do uso abusivo do álcool. Na primeira campanha vemos quatro famílias: as três primeiras são compostas por mulheres negras com suas filhas. A última é composta por pai, mãe e dois meninos, todos brancos. Nas famílias negras os homens negros estão ausentes, na família branca ele não só está presente como é pai de dois varões... Na campanha de prevenção ao uso abusivo do álcool são exibidas várias situações: pessoas brigando em um bar, um carro desgovernado, acidentes na estrada e outras consequências do uso abusivo do álcool. Para representar a violência doméstica que aparece na tela um casal brigando e uma menina assistindo tudo e chorando, o homem embriagado é um homem negro. O mito do pai violento e ausente, para terminar esta *taxonomia* de representações da masculinidade negra, talvez seja um das mais recorrentes das representações do fracasso dos homens negros um *homem de verdade*. Esta é mais uma forma de desqualificar os homens negros demonstrando sua

¹⁷ Estas duas campanhas estão disponíveis no Youtube. Para assisti-las digite "Campanha - Ministério da Saúde - Planejamento Familiar" e "Campanha - Ministério da Saúde - Consequência do Alcool".

capacidade de *chefe de família*, atribuição que somente o homem branco poderia ter, segundo a mitologia brasileira.

MASCULINIDADE BRANCA COMO A MASCULINIDADE IDEAL

O homem branco heterossexual possui o *status* exigido pela sociedade, cujos valores são estruturados tendo-o como a principal referência, entretanto, sendo

A definição da masculinidade um procedimento político envolve a criação de outros que sirvam como pano de fundo contra o qual se constrói a [masculinidade hegemônica] por oposição à [masculinidade subalterna] (Cecchetto, 2004:66-68).

E é emasculando os outros homens que o homem branco heterossexual constrói e mantém sua hegemonia (Kimmel *apud* Cecchetto, *idem*), assim, é desqualificando os outros homens que a hegemonia é mantida, porém os outros homens, os que são apontados como portadores de uma masculinidade subalterna (negros, homossexuais, pobres, etc.) não assistem pacificamente a esta desqualificação. Eles reagem de diversas formas, que pode ser desde formas politicamente organizadas, como os grupos de reivindicações de homossexuais, como até o enfrentamento direto através de praticas onde estes homens mostraram seu valor desafiando o poder hegemônico e entre estas práticas está incluído, ente outras coisas, o pugilato até, supremo desafio, aproximar-se de sua mulher. Esta luta pelo reconhecimento como um *homem de verdade*, ou como sujeito homem, utilizando uma categoria nativa carioca, é o que eu chamo de *falomaquia*¹⁸. Esta luta pode redundar não somente na emasculação, morte simbólica de um homem, mas também na sua morte física.

¹⁸ Falo, pênis como metáfora do poder + maquia, luta em grego arcaico.

AS REPRESENTAÇÕES DA MASCULINIDADE NEGRA COMO A FRACASSADA

As representações não devem ser compreendidas como uma *verdade*, elas não falam por si só. Para compreendermos uma representação social devemos fazer como Malinowski fez para reconstruir a crença dos kiriweneses nos espíritos dos mortos ouvindo o que eles dizem o que eles fazem.

No primeiro caso estão as opiniões dos especialistas e, finalmente, as especulações e comentários de informantes “mais capazes e inteligentes”. No segundo, a observação de determinados costumes e ritos públicos, a conduta dos nativos durante essas cerimônias e os comportamentos motivados pelas crenças (Magnani, 1997: 130).

Para compreendermos qual o valor que uma dada representação tem em determinada sociedade devemos ouvir os discursos dos “*mais capazes e inteligentes*” e as práticas cotidianas que estas representações motivam. Os discursos dos “*mais capazes e inteligentes*”, o que vimos acima através de alguns exemplos, mas como são *os comportamentos motivados pelas crenças?*

A construção social da masculinidade traz consigo certos aspectos que são perigosos para os próprios homens, como apontam inúmeros estudos, pois conseguir reconhecimento os homens se expõem e são expostos a situações que os colocam sua saúde e segurança sob risco, estes mesmos estudos apontam que os homens negros são as principais vítimas. Embora tenhamos inúmeras campanhas de saúde voltadas para as mulheres, sabemos que os homens morrem mais que elas. Se observarmos os dados sobre câncer, disponibilizados pelo Instituto Nacional do Câncer (INCA)¹⁹ mostram que nos cânceres comuns aos dois gêneros as taxas de incidência²⁰ são maiores sobre os homens, excetuando os de pele (melanoma ou não), cólon e reto. Se compararmos os cânceres específicos de homens e mulheres, veremos que o

¹⁹ www.inca.gov.br.

²⁰ Estimativa para o ano de 2002 das taxas brutas de incidência e mortalidade por 100.000 e de número de casos novos e de óbitos por câncer, em homens e mulheres, segundo localização primária, no estado do Rio de Janeiro.

percentual de óbitos de câncer de próstata é superior ao de mama feminina e colo do útero, perdendo apenas para o câncer de mama (o câncer com maior número de casos registrados), ainda assim, não vemos campanhas de prevenção e tratamento semelhantes (em frequência e qualidade) para os homens como são as campanhas voltada para mulheres que reconhecendo algumas especificidades deste grupo, como o tabu do exame preventivo que o câncer de próstata, o toque retal alertando que a mortalidade em doenças como o câncer está diretamente ligado à falta de prevenção que, como veremos, não faz parte do *ethos* masculino (Souza, 2006).

A proporção de homens que foram mortos por violência policial foi de 94% e a faixa etária dos homens mais atingidos estava entre 15 e 29 anos, especialmente entre 20 e 24 anos. As mulheres, na sua maioria, não participam deste tipo de violência. Das vítimas masculinas 84% são opositores, ou seja, estão em confronto direto com a polícia contra apenas 16% das vítimas femininas. A grande maioria de mulheres foi atingida acidentalmente em tiroteios e não fazia parte do confronto, em consequência, a maioria das mulheres é apenas ferida, 87%, enquanto a maioria dos homens acaba morrendo, 61% (Idem, 2006).

Os homens negros têm uma taxa de mortalidade mais que das mulheres brancas ou negras e mais também que os homens brancos, em especial os homens jovens. Fazendo com que ser homem negro é fazer parte de uma população de risco. Os homens brancos e negros têm causas de mortalidade diferentes, num reflexo das desigualdades sociais e raciais do Brasil. Enquanto os homens negros são mais afetados pelas mortes violentas, principalmente homicídios, os homens brancos morrem mais por doenças cardiovasculares.

Entre os homens negros de todas as idades, um em cada quatro morre por causas externas: 25,6%. Quase metade dessas mortes violentas é por homicídio. A segunda grande causa de morte de negros são as doenças circulatórias, que respondem por 21,8% das mortes.

Entre brancos, a situação se inverte: as doenças circulatórias são a primeira causa de morte, respondendo por 28,1% do total, e as causas externas vêm em segundo lugar (16% do total de mortes).

Estas desigualdades têm início na infância destes homens. Os meninos pobres e negros são vistos como problemáticos e, em geral irrecuperáveis, fruto de uma família igualmente problemática, afinal ele oriundo de uma família que se *sabe de antemão* que o pai é ausente. Eles são menos encorajados e elogiados por seus professores/as que as meninas negras e brancas e menos também que os meninos brancos (Carvalho, 2004), com isso desde muito jovens os meninos negros são vistos como um problema que não mereceria mais investimentos, incluindo aí o afetivo. Lembremos das declarações do governador do estado do Rio de Janeiro que sugeriu aborto como forma de prevenir a criminalidade.

CONCLUINDO

Estas imagens são muito fortes em nossa sociedade e ainda assustam. Há mais ou menos quatro anos, para tentar perceber até que ponto o mito do negro macrofálico está presente em nossa sociedade, resolvi soltar alguns *balões de ensaio* fazendo algumas perguntas sobre em uma turma de Educação Física onde eu lecionava para ouvir opiniões. As reações foram tão fortes que temi que pudessem terminar em agressões físicas, já as verbais surgiram logo nas primeiras falas. A maioria das mulheres brancas defendia apaixonadamente este mito, os homens brancos vociferavam contra as mulheres dizendo elas ficavam com os *negões* somente quando eles eram jogador de futebol ou pagodeiro famosos, o que mulheres respondiam que para ficar com eles não era necessário dinheiro, pois os homens negros tinham atributos que valeriam mais que dinheiro, outras mais exaltada, teceu comentários elogiosos sobre a *performance* sexuais dos homens com teve suas experiências, o que gerava

protestos mais ferozes dos homens brancos Neste momento eu tive que intervir, pois eles, homens e mulheres brancos, estavam muito de se agredirem fisicamente mutuamente. Os homens negros ouviam a tudo e não falavam nada, apenas olhavam uns para os outros e sorriam, algo de cínico, o que enfurecia mais ainda os seus pares brancos As poucas mulheres negras que havia na sala, curiosamente, não falaram nada, apenas ouviam (Será que se todos estivessem falando mal dos homens negros elas ficariam caladas?) E, por mais que eu tentasse explicar que isto era um mito racista que desumanizava os homens negros, reduzindo-os a objetos sexuais, etc., pouco adiantou para demovê-los destas idéias que eram defendidas apaixonadamente pelas mulheres, gerando novos protestos por parte dos homens brancos...

Temática é tabu em nossa sociedade, entretanto, precisamos tirar o véu que encobre as relações *raciais* no Brasil, principalmente no cotidiano. Falar dela nas relações de gênero, talvez seja um dos pontos mais espinhoso para se investigar, pois aí estaremos muito próximo de um barril de pólvora que insistimos, pelo menos nos discursos oficiais, que somos todos iguais e que não há racismo no Brasil. Os estudos sobre gênero masculino que está apenas engatinhando no Brasil pode ser uma boa contribuição para o debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**: Identidade racial e esteriótipos sobre o negro na história da telenovela brasileira. 90. Brasil, 2000.
- ARILHA, Margareth, RIDENTI, Sandra. e MEDRADO, Benedito (org.). **Homens e Masculinidades**. Outras Palavras. São Paulo: Editora 34, 1998.
- AZEVEDO, Aloísio. **O Cortiço**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOCAYUVA, Helena. **Erotismo à brasileira**. O excesso sexual na obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Garamound, 2001.
- BRIGEIRO, Mauro M. Costa. **Rir ou chorar?** Envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina. Rio Janeiro, IMS/Uerj, 2000 (Dissertação de mestrado).

- CARVALHO, José Jorge de. **Images of Black Man in Brazilian Popular Culture**. Série Antropologia nº 201, Brasília, 1996.
- CECCHETTO Fatima. **Violência e Estilos de Masculinidade no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2004.
- FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Fator. 1983.
- FONSECA, Claudia. **Família, Fofoca e Honra: A Etnografia de Violência e Relações de Gênero em Grupos Populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2000.
- FONSECA, Cláudia. **Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em grupo popular brasileiro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, número 15, ano 6. Fevereiro de 1991.
- FRIEDMAN, David M. **Uma Mente Própria**. A história cultural do pênis. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo : Unesp, 1993.
- GONZÁLEZ, Ray (ed). **Muy Macho: Latino Men Confront Their Manhood**. New York: Anchor Books. 1996.
- GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de corpo: Um Estudo de Construção Social de Trabalhadores**. 1. ed. NITERÓI: EDUFF, 1997.
- GUTMANN, Matthew. **A Cultural Genealogy of Machismo: Mexico and United States, Cowboys and racism**. In Horizontes Antropológicos (Ano 3 - Nº 5) Diferenças Culturais. OLIVEN Ruben George (Org.). Porto Alegre. 1997.
- GUTMANN, Matthew. **The meanings of macho**. Being a man in México City. University of Califórnia Press: Los Angeles. 1996.
- GUTMANN, Matthew. **Traficando con hombres - la antropología de la masculinidad**. Ciudad de México: La Ventana, nº. 8. 1998.
- HUTCHINSON, Earl Ofari. **The Assassination of the Black Male Image**. 5ª edição. Nova Iorque. [Simon & Schuster](#), 1997.
- LEIBOW, Elliot. **Tally's Corner: A Study of Negro Streetcorner Men**. Boston: Little, Brown, 2000.
- MAGNANI, Jose Guilherme C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: Ruth Cardoso. (Org.). A Aventura Antropológica. 3º ed. São Paulo: Paz e Terra. 1986.
- MIRANDÉ, Alfredo. **Hombres y machos**. Masculinity and Latino Culture. Colorado: Westview Press. 1997.
- NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**. Banalização da Violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco. 2001.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2004.
- RAMÍREZ, Rafael. **Dime capitán: Reflexiones sobre la masculinidad**. Río Piedras: Ediciones Huracán. 1999.

ROSA, Walter. **Observando uma masculinidade subalterna**: homens negros em uma “democracia racial”. Trabalho apresentado no ST 18 A questão racial no Brasil e as relações de gênero O Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos, UFSC, 28, 29 e 30 de agosto de 2006.

SOARES, Gláucia Ary& Doriem Borges. A cor da morte. **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro. Vol 35, nº 35. 2004.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **A Confraria da Esquina**: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando. Etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Editora Bruxedo, 2003.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **O Mito da Imunidade do Heterossexual Masculino Negro** – II Seminário O Impacto do HIV/AIDS na População Afrodescendente – Projeto Arayê/ABIA – Junho de 1998.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **Os riscos de ser um homem negro no subúrbio do Rio de Janeiro**. Trabalho aceito no II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião a ser realizado na Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RGS em 16 a 18 de agosto de 2006.